

A GUERRA CIVIL SÍRIA, O ORIENTE MÉDIO E O SISTEMA INTERNACIONAL

Gabriela Furtado¹

Henrique Roder²

Sergio L. C. Aguiar³

A República Árabe Síria, com uma posição estratégica no Oriente Médio, enfrenta, desde março de 2011, uma guerra civil que já deixou pelo menos 130 mil mortos, destruiu a infraestrutura do

país e gerou uma crise humanitária regional. Tudo isso teve início quando os protestos, conhecidos como Primavera Árabe⁴, serviram de inspiração e exemplo para ativistas e civis desafiarem

a ditadura no comando do país. O presidente Assad se recusou a renunciar, porém, fez concessões, encerrando o estado de emergência, que durava 48 anos, aprovou uma nova Constituição e realizou eleições multipartidárias, mas a oposição continuou combatendo e exigindo sua queda.

Os motivos por trás da guerra civil estão enraizados de forma muito profunda em sua história, desde a antiguidade. Na formação do Estado Sírio, independente em 1946, a disputa étnica e religiosa pelo poder esteve sempre em evidência, como consequência da política colonial francesa de enfraquecer a unidade árabe, instaurando pequenas divisões no país, governadas por um grupo que representava a minoria da população, os alauítas, em detrimento da maioria sunita (80% da população). Na década de 1960, dois golpes de estado favoreceram ainda mais os alauítas.⁵



Mapa da Síria e seus vizinhos

Além do grupo do presidente Bashar Al-Assad (alauíta), não representar a maioria, o regime ditatorial do presidente, com a restrição das liberdades, repressões violentas a qualquer pessoa considerada ameaça para a segurança nacional, e o controle da população, foram motivos que ajudaram a inflamar no povo a vontade de derrubar no governo.

No conflito é possível observar a influência e interferência de vários grupos em diferentes formas. A guerra civil tomou uma proporção que torna difícil determinar todos os envolvidos, porém, o conflito reviveu antigas tensões entre o Ocidente e o Oriente.

Em escala global, desde o início do conflito a ONU tem realizado esforços condenando o governo de Bashar Al-Assad. Todavia, ações práticas ocorreram somente em abril de 2012, com uma missão de observação aprovada pela Resolução 2042, depois de uma série de declarações do Conselho de Segurança (CS) para que se pusesse fim à violência e ao desrespeito aos Direitos Humanos. Uma equipe de 30 observadores militares tinha por objetivo monitorar o cessar fogo no país e a retirada de armas das áreas civis.⁶

No mesmo ano, a Resolução 2043 estabeleceu uma Missão de Supervisão composta por até 300 observadores militares, com o objetivo de implementar a proposta de seis pontos do Enviado Especial Conjunto das Nações Unidas, que estabelecia: a retirada de armas pesadas e tropas de centros populacionais, o fim de toda forma de violência armada sob supervisão das Nações Unidas, o acesso livre de assistência humanitária a todas

as zonas afetadas pelos combates, a libertação de pessoas detidas arbitrariamente, a liberdade de circulação e a permissão para entrada e saída de jornalistas.⁷

Após relatórios sobre crimes, assassinatos, torturas e diversas outras violações dos Direitos Humanos, tanto por parte do governo quanto dos rebeldes, e as mortes alcançando a faixa de 27 mil pessoas, a Organização tentou aprovar resoluções impondo sanções à Síria. Entretanto, os membros do CS se mantinham divididos quanto a possível intervenção militar resultante dos termos das resoluções, algo que Rússia e China, membros permanentes e aliados de Assad, se mostravam impassíveis, utilizando do seu poder de veto para impedir ações mais drásticas.⁸ O mediador da ONU na Síria, o diplomata argelino Lakhdar Brahimi, tentou estruturar mudanças políticas no país para que fosse possível um acordo, propondo um governo de transição com plenos poderes, sem sucesso.

Enquanto isso, como o número de refugiados aumentou, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) passou a distribuir ajuda humanitária e auxílio básico a população síria. Em 2013, o número de refugiados chegou a 2 milhões de pessoas, sobrecarregando os países receptores como Líbano, Iraque, Jordânia e Turquia, levando o ACNUR a liderar uma resposta humanitária também nesses países.⁹

Em agosto de 2013, uma missão da Organização das Nações Unidas (ONU) confirmou o uso de gás sarin em um ataque químico que matou centenas de civis nos

arredores de Damasco. Como a Síria é um dos poucos países que não fazem parte do tratado internacional que proíbe armas químicas, as nações ocidentais acreditavam que o país tivesse reservas não declaradas de gás mostarda, sarin e agentes nervosos. Inspectores da ONU foram enviados ao país e confirmam a veracidade das acusações¹⁰ gerando, então, novas discussões entre os países do Conselho de Segurança sobre uma possível intervenção militar na Síria.¹¹ Entre ameaças americanas, proposta de monitoramento de armas pela Rússia e outras discussões, a ONU por fim deu início a uma missão em conjunto com a Organização para Proibição de Armas Químicas (OPAQ) para a destruição do arsenal químico informado pela Síria. Por meio da Resolução 2118, aprovada no final de setembro, a organização conseguiu implementar a retirada e posterior destruição das armas químicas, além de organizar uma Conferência de Paz com representantes de todas as partes envolvidas.¹²

A missão em conjunto da ONU e da OPAQ teve como primeiro objetivo a remoção de máquinas e equipamentos utilizados para a produção de armas e para abastecer mísseis e bombas com gases tóxicos, inutilização de instalações e neutralização das reservas de compostos químicos. Seu maior desafio não foi a destruição em si, mas o acesso em meio a uma guerra civil aos locais indicados pelo governo sírio.¹³ Já o segundo objetivo, a efetiva retirada e destruição do arsenal químico, levou mais tempo do que o previsto, sendo que apenas em 2014 foi anunciada a retirada completa pela OPAQ. As 1.300 tonela-



Aleppo (Síria) depois de um ataque em fevereiro de 2014

das declaradas pelo governo sírio foram levadas a bordo do navio americano Cape Ray, especialmente construído para realizar a destruição das armas, sinalizando o fim da operação internacional.¹⁴

Tomando o conflito em nível global, é possível observar que desde seu início os EUA se limitaram, oficialmente, a oferecer apoio não letal aos rebeldes e a fornecer ajuda humanitária. Porém, algum tempo depois, a administração Obama prometeu “apoio militar” aos rebeldes, embora tenha mantido certa indefinição sobre a natureza dessa ajuda. Por outro lado, a Rússia é uma das maiores fornecedoras de armas ao governo sírio e mantém importantes investimentos no país, se colocando, inclusive, em favor de Assad caso houvesse uma intervenção norte-americana no país. Essa postura se mostrou importante a nível sistêmico pois o país ainda é uma grande potência do ponto de vista militar e energético. Portanto, seu governo e as Forças Armadas têm interesse em manter aliados

em algumas regiões estratégicas, como o Oriente Médio, e principalmente a Síria, que era um dos países mais estáveis na região.

No sistema regional, o mundo árabe também se encontra de alguma forma envolvido no conflito sírio. Os países vizinhos Turquia, Catar e Arábia Saudita são acusados de armar e dar treinamento militar aos opositores de Assad. Enquanto isso, Irã, Iraque e Líbano gastam bilhões de dólares amparando o governo e oferecendo equipes de elite para trabalhos de inteligência e de treinamento militar.¹⁵

Já no âmbito interno, os rebeldes, que se colocam em oposição ao regime, são constituídos por militares desertores, grupos islamitas como a Irmandade Muçulmana do Egito¹⁶, além de outros mais radicais, como a Frente Al-Nusra¹⁷, um braço da rede terrorista da Al-Qaeda¹⁸, o Comando Militar do Exército Sírio Livre¹⁹ e o Estado Islâmico do Iraque e do Levante.²⁰ Essa junção de grupos com

interesses diversos acaba desviando a causa principal de derrubar o atual ditador Bashar Al-Assad, uma vez que não há uma unidade entre eles. Os civis iniciaram os protestos para acabar com o governo ditatorial e implantar um regime democrático. Porém, os grupos insurgentes possuem o interesse de assumir o poder e governar de forma autoritária, anti-EUA e sob leis islâmicas. Intenções e posturas diferentes dificultam a união da oposição e a organização de objetivos comuns e permitem que vários grupos permaneçam apoiando Assad, o que prolonga o conflito.

Assim, o presidente se mantém firme no poder com apoio: de parte da população, das Forças Armadas, instituições apegadas ao nacionalismo, ao baathismo²¹ e acima de tudo às figuras de Hafez e Bashar Al-Assad; das Brigadas Baath, milícia criada para se contrapor aos rebeldes a partir do Partido Baath do presidente Assad, e que ganharam espaço em áreas não ocupadas pelo exército;

do chamado Exército do Povo, antigo braço militar do Partido Baath; e da Força Nacional de Defesa, guarda nacional organizada especialmente para a guerra, com serviço de caráter voluntário e temporário. Todos esses grupos estão ligados de alguma forma ao partido do ditador que, devido ao efetivo e material que possui, continua com a força necessária para sustentar seu regime.

Por ser uma espécie de batalha móvel envolvendo forças armadas e milícias, com a oposição ocupando sempre os territórios em que o Exército não está instalado, nenhuma parte do território sírio foi poupada, resultando na destruição generalizada de suas cidades, centenas de milhares de mortes, a maioria civis, e um grande número de refugiados e deslocados internos.

Não havendo uma superioridade militar que permita um dos lados vencer o conflito, apoios externos a ambos os lados, o grande número de grupos armados envolvidos na guerra, alguns deles fundamentalistas e jihadistas que pretendem implantar seus “califados” e as diversas posturas político-ideológicas, dificultam e até impedem uma solução negociada.

Outra implicação interna do confronto diz respeito à economia síria que, em se tratando de meios de produção, se tornou praticamente nula. Com grande taxa de desemprego, exportações mínimas, deteriorização de indústrias e corte de relações econômicas com vários países, o setor que prosperou em meio ao caos foi o contrabando e o mercado negro, num Estado onde parte da população se encontra passando fome.²²

Com o fracasso das negociações de Genebra II, no início de 2014, não é possível prever uma solução negociada, bem como a mudança do governo. O crescimento do Estado Islâmico com métodos extremamente violentos resultou no envolvimento dos Estados Unidos, França e Reino Unido, dentre outros, aumentando as implicações regionais e globais da guerra civil.

Nessa situação, o balanço de poder existente no Oriente Médio tem sofrido modificações decorrentes da guerra civil síria, bem como de toda a Primavera Árabe. O mapa político da região está mudando. O caos na Síria não só enfraquece a aliança do país com o Irã, com o Hezbollah²³, no Líbano, e com o Hamas, na Faixa de Gaza, mas também coloca em evidência os ideais opostos como

James Brooke/CC



Exército libanês nas ruas de Trípoli

os representados pela Arábia Saudita e sua postura pró-EUA e pró-ocidente.²⁴

Nesse sentido, a luta de três anos sobre a Síria tem representado, em termos regionais, não tanto as legítimas e nobres aspirações do povo da Síria de viver em uma sociedade mais democrática (que é como a revolta começou), mas sim a tentativa de uma coalizão liderada pelos Estados do Golfo para deter a crescente, e aparentemente inexorável, influência iraniana a qualquer custo. A moeda dessa batalha regional tem sido a mobilização sectária, enquanto o custo tem sido violência e sofrimento horríveis, bem como a total ruptura da sociedade síria.²⁵

Há, também, implicações da guerra síria em países fronteiriços como a Turquia, onde ocorreu a deteriorização da segurança interna devido ao contrabando e o fluxo de refugiados. Os problemas ocasionados pela guerra civil na fronteira entre os dois países levaram ao início da construção de um muro por parte da Turquia.²⁶

O aumento das áreas ocupadas pelo Estado Islâmico na Síria resultou no aumento do fluxo de refugiados de etnia curda para a Turquia, o que pode fortalecer o Partido Trabalhista Curdo (Partiya Karkerên Kurdistan-PKK) e o movimento nacionalista curdo como um todo, com graves consequências para a segurança interna turca.

A nível do sistema internacional, com a descoberta do uso de armas químicas, em 2013, a rivalidade entre Estados Unidos e Rússia ficou evidente. A dificuldade do Conselho de Segurança da ONU de chegar a um acordo deveu-se

aos vetos aplicados pela Rússia e a China. Na época, falou-se em mais uma possível consequência com o espraiamento do conflito quando Putin foi categórico ao afirmar que a Rússia reagiria em defesa da Síria caso os EUA iniciassem uma intervenção militar.²⁷ Essa atitude está ligada à ameaça que uma intervenção norte-americana significaria para os interesses russos no Oriente Médio. Num sentido mais amplo, a estratégia russa de desenvolver uma multipolaridade nas relações internacionais tem a intenção de diminuir a presença dos EUA nas suas áreas de interesse e, mais além, de diminuir a dominância dos EUA como possível “garantidor da estabilidade global”.²⁸

Todos estes elementos reforçam ainda mais o impasse na resolução do conflito, que não se dará somente na arena doméstica ou na arena global, mas sim, por uma sintonia dessas duas esferas. As implicações da guerra civil, que começou com protestos pacíficos, aparentando ser apenas mais uma revolta contra um ditador no mundo árabe, se tornam mais complicadas e preocupantes.

O aumento da capacidade e das áreas sob poder do Estado Islâmico do Iraque e da Síria resultou no envolvimento militar dos EUA. Mas, apesar do discurso das autoridades norte-americanas no sentido contrário, ao atacar o grupo ficou difícil desvincular a ação de um apoio ao governo de Assad, cujo regime o Presidente Obama repudiou desde o início da guerra civil.

Caso o EI não seja derrotado, há a possibilidade do grupo assumir

o poder na Síria caso o governo de Damasco caia, podendo-se vislumbrar as consequências que essa situação traria para as minorias alauíta, cristã e drusa do país, dentre outras. Aumentando a intrincada colcha de retalhos na região, para derrotar o grupo há a necessidade de se estabelecer alianças com grupos menores sunitas que se opõem a ele (alguns deles foram os que iniciaram a oposição a Assad), bem como inserir a Turquia, a Arábia Saudita e a Jordânia na coalizão internacional contra o EI.

Esse exemplo reforça a multidimensionalidade do conflito. A retroalimentação das forças governamentais e opositoras por seus respectivos aliados sejam eles domésticos, regionais ou potências mundiais, não permite o fim das hostilidades. Ambas as partes não alcançam o poder necessário para fazer com que a outra ceda, gerando assim a estagnação do conflito, a manutenção da violência e o aumento da morte de civis.

Em junho de 2014, foram realizadas eleições para presidência que confirmaram a vitória do ditador Bashar Al-Assad. As votações só foram realizadas em locais sob o controle do Exército, portanto, grande parte da população foi impedida de votar. Ademais, o ditador só possuía dois rivais, que foram autorizados pelo próprio Assad para poderem concorrer.²⁹

Nesse sentido, não é possível, em curto prazo, prever o desfecho da guerra, mas com certeza, qualquer que seja ele, provocará alterações importantes nas relações regionais e sistêmicas em relação ao Oriente Médio.

- ¹ **Gabriela Furtado** Discente do Curso de Relações Internacionais e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCI) e do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).
- ² **Henrique Roder** Discente do Curso de Relações Internacionais e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Conflitos Internacionais (GEPCI) e do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).
- ³ **Sergio L.C. Aguilar** Doutor em História (UNESP). Professor Assistente Doutor do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP - Campus de Marília. Coordenador do GEPCI e do OCI.
- ⁴ Onda de protestos ocorridos no Oriente Médio e Norte da África que derrubou diversos ditadores.
- ⁵ KRESCH, Daniela. Disputas étnicas e religiosas da Síria remontam à Antiguidade. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/ciencia/historia/disputas-etnicas-religiosas-da-siria-remontam-antiguidade-9867139>> Acesso em: 26 jul. 2014.
- ⁶ ONU. *Resolução 2042*. Nova Iorque, 14 abr. 2012. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N12/295/28/PDF/N1229528.pdf?OpenElement>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- ⁷ ONU. *Resolução 2043*. Nova Iorque, 21 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.un.org/News/Press/docs/2012/sc10618.doc.htm>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- ⁸ Comissão da ONU divulga novo relatório sobre a Síria nessa segunda feira. *RFI*, 16 set. 2012. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/mundo/20120916-comissao-da-onu-divulga-novo-relatorio-sobre-siria-nesta-segunda-feira>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- ⁹ ONU. Mais de 2 milhões de pessoas já fugiram da Síria por causa do conflito, alerta ONU. *ONUBR*, 3 set. 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/mais-de-2-milhoes-de-pessoas-ja-fugiram-da-siria-por-causa-do-conflito-alerta-onu/>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- ¹⁰ Oposição síria acusa governo de matar centenas em ataque químico. *Último Segundo*, 21 ago. 2013. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/2013-08-21/oposicao-siria-acusa-governo-de-matar-centenas-em-ataque-quimico.html>> Acesso em: 05 jul. 2014.
- ¹¹ Reunião do Conselho de Segurança da ONU sobre Síria acaba em impasse. *G1*, 29 ago. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2013/08/reuniao-do-conselho-de-seguranca-da-onu-sobre-siria-acaba-em-impasse.html>> Acesso em: 05 jul. 2014.
- ¹² ONU. *Resolução 2118*. Nova Iorque, 27 set. 2013. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N13/489/23/PDF/N1348923.pdf?OpenElement>> Acesso em: 05 jul. 2014.
- ¹³ Síria: o desafio da destruição de armas químicas em plena guerra. *BBC Brasil*, 7 out. 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/10/131007_siria_quimica_rp.shtml> Acesso em 05 jul. 2014.
- ¹⁴ Síria retira de seu território armas químicas declaradas. *Exame*, 23 jun. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/siria-tira-de-seu-territorio-armas-quimicas-declaradas--2>> Acesso em: 10 jul. 2014.
- ¹⁵ Turquia, Arábia Saudita e Qatar com rebeldes. Irão, Iraque e Líbano ao lado do governo sírio. *Jornal de Notícias*, 5 set. 2013. Disponível em: <http://www.jn.pt/Dossies/dossie.aspx?content_id=3403738&dossier=Conflito%20na%20S%EDria> Acesso em: 11 jul. 2014.
- ¹⁶ Grupo político e religioso que atua em diversos países do Oriente Médio, Ásia e África, defendendo que as regras do islamismo sirvam não apenas para ditar a forma de vida dos fiéis, mas também para guiar a sociedade e o Estado.
- ¹⁷ “Frente de Suporte para o Povo da Síria”, uma milícia islâmica de orientação sunita e jihadista com táticas extremamente agressivas.
- ¹⁸ Organização formada por grupos colaborativos e independentes que visam reduzir a influência não-islâmica em assuntos islâmicos.
- ¹⁹ Principal grupo de oposição, formado por desertores do Exército Sírio.
- ²⁰ Milícia islâmica e jihadista inspirada na Al-Qaeda, que atua no Iraque e na Síria.
- ²¹ Ideologia política que mistura socialismo, nacionalismo e pan-arabismo, pertencente ao Partido Baath, do qual Hafez Al-Assad fez parte.
- ²² Guerra civil síria arrasa economia, e população é maior vítima. *Deutsche Welle*, 31 out. 2013. Disponível em: <<http://www.dw.de/guerra-civil-arrasa-economia-da-s%ADria-e-popula%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-maior-v%C3%ADtima/a-17196307>> Acesso em: 13 jul. 2014.
- ²³ “Partido de Deus”, um grupo político com estrutura similar à do Exército.
- ²⁴ Análise: crise na Síria tem implicações profundas para Oriente Médio. *BBC Brasil*, 25 abr. 2011. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/04/110425_analise_siria_mv.shtml> Acesso em: 13 jul. 2014.
- ²⁵ MAKDISI, Karim. *Brahimi Resignation Signals Geopolitical Shift Favoring Assad*. Swiss Federal Institute of Technology in Zurich, 26 May 2014. Disponível em: <<http://isnblog.ethz.ch/international-relations/brahimi-resignation-signals-geopolitical-shift-favoring-assad>> Acesso em: 13 jul. 2014, tradução nossa.
- ²⁶ Turquia constrói muro para tentar proteger fronteira com a Síria. *G1*, 5 mai. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/05/turquia-construi-muro-para-tentar-protetger-fronteira-com-a-siria.html>> Acesso em: 13 jul. 2014.
- ²⁷ Rússia vai apoiar Síria em caso de ataque estrangeiro, diz Putin. *OperaMundi*, 6 set. 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/31058/russia+vai+apoiar+siria+em+caso+de+ataque+estrangeiro+diz+putin.shtml>> Acesso em: 13 jul. 2014.
- ²⁸ JOFFÉ, George. Síria: the Proxy war. *NOREF Article*. Oslo, Aug. 2012.
- ²⁹ Eleições presidenciais na Síria são uma farsa, diz secretário-geral da ONU. *G1*, 03 jun. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/siria/noticia/2014/06/eleicoes-na-siria-sao-uma-farsa-diz-secretario-geral-da-otan.html>> Acesso em: 27 jul. 2014.

Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguilar
Layout: Paula Schwambach Moizes
ISSN: 2359-5809
Comentários para: oci@marilia.unesp.br
Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

Série Conflitos Internacionais mais recentes:

Rússia e Política de Influência V. 1, n. 1
Congo - A atual dinâmica do conflito e a rendição do M23 V. 1, n. 2
Oriente Médio: islamismo e democracia V. 1, n. 3
As invasões russas na Geórgia (2008) e na Criméia (2014) V. 1, n. 4
A Nigéria e o Boko Haram V. 1, n. 5